

5.2 Manuscrito – Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Sara de Jesus Santos; Aline Vieira Simões

RESUMO

Objetivo: Conhecer os roteiros interpessoais e intrapsíquicos que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos e analisar as expressões das masculinidades nos relacionamentos íntimos de jovens universitários. **Método:** Pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, fundamentada na abordagem de narrativas de vida de Daniel Bertaux. Realizaram-se entrevistas individuais abertas com 15 estudantes da área da saúde, de 19 a 29 anos, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, entre abril e julho de 2025. A análise dos dados foi guiada pela abordagem etnossociológica das narrativas e pela Teoria dos Roteiros Sexuais. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Os roteiros interpessoais revelaram iniciação sexual precoce, uso de aplicativos e tensões entre desejo casual e busca por intimidade. No plano intrapsíquico, emergiram conflitos relacionados à identidade masculina, dificuldades na expressão de vulnerabilidades e permanência da masculinidade hegemônica, marcada pela ausência de referenciais masculinos dialógicos. **Conclusão:** As narrativas demonstram que a construção das masculinidades ocorre de forma dinâmica, atravessada por conflitos, negociações e resistências aos modelos tradicionais de dominação.

DESCRITORES: Masculinidades; Jovens; Estudantes Universitários; Universidade.

INTRODUÇÃO

A juventude constitui-se como uma construção histórica e sociocultural plural e heterogênea, atravessada por marcadores como classe, raça, gênero, território e valores culturais, não podendo ser compreendida apenas pela idade cronológica, definida no contexto brasileiro entre 15 e 29 anos. Assim, são expressas de múltiplas formas de viver, pensar e se relacionar, articulando experiências individuais a estruturas sociais situadas em contextos históricos específicos ⁽¹⁻²⁾.

Nos processos de socialização, as identidades de gênero são aprendidas e negociadas ao longo da vida, sendo construídas em experiências sociais, culturais e históricas. O gênero é produzido nas interações cotidianas por normas e discursos que orientam comportamentos e expectativas, mas que também podem ser tensionados e transformados ⁽³⁻⁵⁾.

No interior dessas relações de gênero, as masculinidades, podem ser compreendidas como modos de “ser homem”, variando conforme contextos históricos, culturais e sociais. Embora múltiplas formas coexistam, algumas se sobrepõem a outras, evidenciando hierarquias e relações de poder ⁽⁶⁾. Reconhecê-las como plurais exige considerar intersecções de gênero, raça e classe, compreendendo como essas dimensões orientam práticas, relações e modos de viver ^(2,5-6).

Nesse cenário, os jovens universitários constituem um grupo relevante para a compreensão das masculinidades contemporâneas, pois suas experiências afetivo-sexuais são atravessadas por situações de vulnerabilidades ⁽⁷⁾, violência nas relações íntimas ⁽⁸⁻⁹⁾, construções e questionamento das identidades masculinas ⁽¹⁰⁾ e outras condições que tensionam normas de gênero, sendo, portanto, vivências com implicações para a saúde sexual, mental e relacional ^(2,5).

Mesmo com discursos críticos sobre gênero, elementos de masculinidade hegemônica continuam presentes e impactando a forma como os jovens se percebem e se posicionam em relações afetivas ⁽¹¹⁾. Ao mesmo tempo, observam-se tentativas de ruptura simbólica e busca por formas de masculinidade mais alinhadas aos valores individuais e às experiências contemporâneas, evidenciando o caráter dinâmico e tensionado dessas construções ⁽¹²⁾.

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas na compreensão das expressões das masculinidades entre universitários, especialmente na articulação entre experiências interpessoais, processos subjetivos e normas de gênero. Para investigar essa questão, o estudo utilizou a Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon ⁽¹³⁾, permitindo dar voz às experiências dos jovens universitários mediante a organização de suas vivências afetivo-sexuais.

Diante disso, o objetivo deste estudo é conhecer os roteiros interpessoais e intrapsíquicos que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos e analisar as expressões das masculinidades nos relacionamentos íntimos de jovens universitários.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão de aspectos subjetivos, simbólicos e sociais relacionados às expressões das masculinidades, permitindo acessar significados que não se expressam por dados quantitativos. O caráter descritivo permitiu identificar características dos comportamentos afetivo-sexuais dos participantes, enquanto a vertente exploratória favoreceu a aproximação com um objeto ainda pouco problematizado ⁽¹⁴⁻¹⁵⁾.

Como referencial metodológico, utilizou-se a abordagem das Narrativas de Vida, na perspectiva etnossociológica proposta por Daniel Bertaux, que possibilita compreender as experiências dos sujeitos a partir de seus próprios relatos, valorizando a interpretação que atribuem às suas trajetórias ⁽¹⁶⁾.

Como referencial teórico, adotou-se a Teoria dos Roteiros Sexuais, proposta por Gagnon e Simon, a qual compreende os comportamentos afetivo-sexuais como construções socialmente produzidas e orientadas por normas culturais, interações sociais e dimensões subjetivas. A teoria organiza-se em três níveis interdependentes: os roteiros culturais, relacionados às normas e expectativas socialmente compartilhadas; os

roteiros interpessoais, construídos nas interações e negociações entre os sujeitos; e os roteiros intrapsíquicos, vinculados aos desejos, significados e interpretações subjetivas das experiências vividas ⁽¹³⁾.

A articulação entre esses referenciais possibilitou compreender como os jovens organizam e atribuem sentidos às suas experiências nos relacionamentos íntimos, considerando aspectos subjetivos, culturais e sociais presentes em suas narrativas.

Local

O estudo foi desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no campus de Jequié, localizada na região sudoeste da Bahia.

População e critério de seleção

A composição da amostra seguiu os pressupostos da abordagem etnossociológica das Narrativas de Vida, que enfatiza a análise de múltiplas trajetórias como estratégia para apreender a diversidade de experiências sociais. O número de participantes foi definido por saturação teórica, identificada pela reincidência de informações relevantes ao objetivo do estudo, momento em que novas entrevistas deixaram de acrescentar elementos analíticos significativos ⁽¹⁶⁾.

Foram incluídos jovens do sexo masculino, entre 18 e 29 anos, matriculados nos cursos de Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Medicina e Fisioterapia. A escolha desses cursos considerou a inserção da pesquisadora na área da saúde, campo marcado por relações e conflitos de gênero, no qual a presença masculina tensiona modelos de masculinidade. Como critério de exclusão, considerou-se a ausência de frequência acadêmica no período da coleta, mesmo com matrícula ativa.

O recrutamento ocorreu após aprovação ética, utilizando-se a *Snowball Technique* “técnica bola de neve” ⁽¹⁷⁾, em virtude da baixa representatividade masculina nos cursos da área da saúde. Participantes iniciais indicaram novos colaboradores até atingir-se a saturação, houve recusa de cinco graduandos e os conseguiram participar evidenciaram dificuldade para agendamento da entrevista devido a carga horaria dos cursos.

Coleta de dados

Inicialmente, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após os esclarecimentos e resolução de dúvidas, os jovens consentiram voluntariamente sua participação, formalizando-a por meio da assinatura do termo. Em seguida, foi apresentado o instrumento de coleta de dados, composto por um formulário de caracterização sociodemográfica, uma questão norteadora e filtros temáticos, elaborados para orientar a construção das narrativas.

A coleta de dados iniciou-se com o preenchimento do formulário sociodemográfico. Posteriormente, as entrevistas foram iniciadas com a questão norteadora: “Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos”, direcionada por filtros temáticos. Durante o processo, a pesquisadora adotou uma postura de escuta atenta, intervindo apenas quando necessário para esclarecimentos ou aprofundamento das falas, respeitando os pressupostos da metodologia de narrativa de vida.

As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2025, em espaços reservados no campus universitário, com duração média de 40 minutos, sendo gravadas por meio de dispositivo *smartphone*. Durante a coleta, foi mantido um diário de campo para registro de observações complementares.

Análise e tratamento dos dados

A análise de dados ancora-se na abordagem etnossociológica ⁽¹⁶⁾ e ocorreu de forma simultânea após a realização de cada entrevista. Os dados sociodemográficos subsidiaram a caracterização dos participantes e os registros do diário de campo uma síntese de cada narrativa, incluindo aspectos não verbais.

As entrevistas, foram transcritas integralmente de forma automática pelo gravador do próprio *smartrphone* e submetidas a leituras sucessivas, com pequenas correções de digitação, pela pesquisadora.

As etapas sucederam a leitura flutuante para identificação de fragmentos de significado, permitindo codificação de 74 unidades temáticas, que após novas leituras críticas foram recodificadas, resultando em 35 unidades.

Ao final, as mesmas passaram pela fase de síntese, onde foram agrupadas em cinco conjuntos interpretativos das principais dimensões abordadas, e em seguida reunidas em uma categoria analítica central, intitulada de “Normas, interações e dimensões subjetivas dos comportamentos de jovens universitários nos relacionamentos íntimos” e três subcategorias interpretativas, sendo: Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos; Interações dos jovens universitários nas relações afetiva-íntimas e Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas.

Foram considerados os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ).

Aspectos éticos

O estudo seguiu as Resoluções nº 466/2012 ⁽¹⁸⁾ e nº 510/2016 ⁽¹⁹⁾ sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB segundo o Parecer nº 7.434.335 e CAAE: 86663325.0.0000.0055. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados pela letra “P” seguida de numeração sequencial, conforme a ordem das entrevistas.

RESULTADOS

Os resultados deste manuscrito integram a dissertação “Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos”, correspondendo ao recorte analítico da segunda e terceira subcategoria, intitulada “Interações dos jovens universitários nas relações afetivas-íntima” e “Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas”, analisados à luz da Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon ⁽¹³⁾.

Embora a teoria articule três níveis de roteiros o cultural, interpessoal e intrapsíquico, este artigo concentra-se nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, como parte de uma estratégia analítica de aprofundamento teórico. Tal recorte permite examinar como normas de gênero são negociadas nas interações íntimas e internalizadas nos processos subjetivos que orientam as vivências afetivo-sexuais dos jovens universitários.

Descrição dos participantes

O estudo contou com 15 jovens universitários, do sexo masculino, com idades entre 19 e 29 anos, distribuídos igualmente entre os cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Medicina, em semestres iniciais e finais da graduação. Quanto à autodeclaração racial, seis se identificaram como pretos, cinco como pardos e quatro como brancos. Em relação à religião, sete declararam-se cristãos, cinco católicos e três não possuíam filiação religiosa. Quanto à orientação sexual, oito se identificaram como heterossexuais, cinco como homossexuais e dois como bissexuais.

A maioria encontrava-se solteira, sendo que um participante relatou união estável. Entre os solteiros, cinco mantinham relacionamentos estáveis, dois vínculos afetivos informais e sete não possuíam parceiros no período da entrevista. Sobre o uso de aplicativos de relacionamento, três relataram utilizar o *Tinder*, três o *Tinder* e *Grindr*, um o *Grindr* e oito não utilizavam essas plataformas.

A análise do diário de campo evidenciou que, apesar de distintos níveis iniciais de inibição, os participantes demonstraram progressivo conforto e abertura durante as entrevistas, reconhecendo o espaço como acolhedor para reflexão e ressignificação de suas vivências.

Interações dos jovens universitários nas relações afetivas-íntimas

As normas interpessoais orientam comportamentos e expectativas nas interações e nos relacionamentos íntimos, influenciando práticas afetivo-sexuais dos jovens universitários. Diferentemente das normas sociais mais amplas, elas operam no plano microsocial, estruturando negociações e assimetrias nas relações ⁽¹³⁾. Nesse plano, as masculinidades expressam-se na incorporação, reprodução ou tensão dessas normas nas práticas afetivas e sexuais, articulando estrutura de gênero e experiências subjetivas ⁽⁵⁾.

As narrativas indicam que o início das experiências afetivo-sexuais ocorreu de forma precoce, com média de idade de 14 anos, frequentemente com pares sem vínculo afetivo, em contextos marcados por assimetrias etárias, curiosidade e desconhecimento sobre práticas sexuais seguras.

Minha primeira relação sexual foi com 16 anos com a mulher mais velha, que não tinha relacionamento nenhum, foi mulher de festa assim, que eu conheci e aconteceu, tinha vontade porque era jovem e queria saber como era. (P 9)

Minhas experiências afetivas e sexuais começaram novo. Eu comecei com 14 anos a ter atitudes sexuais com a empregada da minha vó [risos]. Eu era novo, então não entendia muita coisa. Ela falava algumas coisas e eu ia, todo bobão, porque eu fui perder a maldade mesmo nessa idade de 14 anos. (P 13)

A respeito das primeiras experiências homoafetivas, também ocorreram de forma precoce, em contextos marcados por assimetrias etárias entre os parceiros, considerada a posteriori como pedofilia, o medo de exposição e ausência de espaços considerados seguros para a vivência da sexualidade. Esses episódios geraram sentimentos de medo e constrangimento, além de afastamento ou adiamento dessas vivências.

Eu tinha 13 anos e ele era mais novo um pouco, tinha 12. A gente tentou fazer uma coisa a mais e foi traumatizante. Na hora que a gente ia começar, meu irmão bateu na porta do quarto, eu fiquei com medo de ser pego. Pra eu viver e me permitir ter outro relacionamento com homem demorou, eu já tava com 20 anos e não tinha acontecido ainda. (P 8)

Eu fui ter a minha primeira relação com homem, eu tinha 15 anos. O cara era tipo, uns 10 anos mais velho que eu. Se ele for parar pra ver, é uma pedofilia. O cara tinha 32 anos, por quê? Porque eu sempre busco referências masculinas mais velhas. (P 11)

Foram descritos diferentes tipos de relacionamento, incluindo vínculos afetivos estáveis e relações casuais. Alguns mencionaram a manutenção de encontros recorrentes sem compromisso formal, enquanto outros descreveram experiências sexuais com múltiplos parceiros, sem repetição com a mesma pessoa ou definição clara de vínculo afetivo.

Eu tenho geralmente fixas, uma ou outra, raramente. Tem uma recentemente que eu fico várias vezes, mas são casuais. Enquanto eu não achar uma mulher adequada pra namorar, os relacionamentos casuais que eu tenho, eu busco não progredir com isso. (P 9)

Já fiquei várias vezes na minha vida com homens diferentes. Fiz sexo com homens diferentes, até despertou um sentimentozinho, mas foi frágil. Eu tenho um costume de ficar com uma pessoa e fazer sexo com ela, mas eu não repito com a pessoa. Como eu nunca namorei, pra mim isso é um aspecto complicado de definir, eu não tenho muito elucidado. (P 12)

O uso de aplicativos de relacionamento, como *Tinder* e *Grindr*, apresentou-se como recorrente entre parte dos jovens universitários para a realização de encontros pontuais e manutenção da casualidade. Os relatos expõem a situações de risco físico e emocional, incluindo encontros com pessoas desconhecidas, incongruências entre perfis, além de episódios que suscitaram medo e insegurança durante os encontros.

Eu gosto de usar o tinder, mas é meio complicado, você só arranja pessoa doida. Eu fiquei com a uma menina que me prendeu no porão da casa dela, mas não aconteceu nada, ela só saiu pra tomar banho [risos]. (P 13)

Eu já usei muito o grindr e já teve situações que eu falei assim: “Meu deus, poderia ter morrido”. Um cara que mostrou uma foto, quando fui lá no carro, era uma pessoa diferente, eu senti medo do início ao fim, porque era uma pessoa estranha, desconhecida e eu não consegui sair dali. (P 12)

Apesar das experiências casuais, as narrativas mostram que, nos relacionamentos formais, há valorização da monogamia, com recusa a configurações de poliamor ou relacionamentos abertos. Há preferência por relações exclusivas, visto que alguns jovens associam múltiplos parceiros a ciúmes e conflitos interpessoais.

Meus tipos de relacionamento sempre foram monogâmicos, só eu e uma pessoa só. Nunca abri relacionamento, eu não gosto desse tipo de relacionamento. Eu acho que é mais pela questão que não ia prestar e daí ia dar ciúme, dar merda. (P 4)

Eu sou monogâmico, nem vem com negócio de poliamor. Tá repreendido, acho que eu não tinha estrutura mental pra isso. (P 8)

No contexto das relações monogâmicas, há experiências que favorecem a ressignificação de concepções sobre masculinidade, com menção à quebra de padrões tradicionais. Entre jovens homossexuais, esses relacionamentos foram descritos como espaços de aprendizado e caracterizados como experiências positivas.

Eu acho que meu relacionamento atual veio muito pra quebrar minha visão do que era ser homem. Eu tinha muito medo de me relacionar, muito pela questão da autoestima, por conta desse padrão do que é ser homem. Minha namorada chegou pra quebrar isso. (P 15)

Meu relacionamento atual, já estou chegando a 11 meses, mas posso dizer que só coisas boas. Tenho aprendido muito com o companheiro, meu companheiro também tem aprendido muito comigo, nada que atrapalhe o nosso relacionamento, e no geral a gente se dá muito bem e saudável. (P1)

Apesar de experiências positivas, as narrativas indicam a ocorrência de situações de violência em interações e relacionamentos informais, incluindo vínculos casuais. Emergiram relatos de controle e ciúmes, bem como episódios de violência sexual reconhecidos apenas posteriormente.

Eu tive uma relação, que não chegou a ser um relacionamento sério, mas que nesta fase foi marcada por muito controle da parte da pessoa, muitos ciúmes e controle que acabou fazendo com que eu distanciasse da pessoa. (P 6)

Eu pedia pra parar e a pessoa não escutava, que pra mim hoje, enxergando friamente, é um estupro, porque eu não tava gostando. Mas, eu continuava, porque não queriam parar, então eu não tinha essa voz, pra mim eu era só um corpo que tava ali pra ser usado. (P 7)

Mesmo quando há reconhecimento de situações de violência, determinados comportamentos tendem a ser relativizados e naturalizados nas relações afetivas. Foram mencionadas atitudes como falar alto, xingar e ciúmes como práticas consideradas comuns ou inerentes aos relacionamentos.

Não teve nenhum momento de agressão ou nada disso. Falar alto e xingar acontece com todo casal. (P 9)

Ciúmes eu acho que deve ter aquele ciúme saudável, de afeto. Quando você demonstra interesse pelo seu parceiro, mas não aquele ciúme muito tóxico, mas ciúme de demonstrar cuidado, ciúmes bons. (P 6)

Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas

À luz dos roteiros intrapsíquicos, as experiências afetivo-sexuais dos jovens universitários revelam processos subjetivos de atribuição de sentidos, elaboração de expectativas e compreensão de si nos relacionamentos íntimos. Nesse nível, normas socioculturais são internalizadas e ressignificadas, orientando escolhas e formas de vinculação ⁽¹³⁾. As masculinidades configuram-se, assim, como construções subjetivas atravessadas por expectativas de desempenho, controle emocional e reconhecimento, influenciando a sexualidade e a identidade dos jovens ⁽⁵⁾.

As narrativas indicam que as vivências de universitários, especialmente homossexuais e bissexuais, envolveram processos de reconhecimento e aceitação de si, bem como questionamentos sobre identidade de gênero e orientação sexual, com relatos de reflexão, compreensão da própria sexualidade e construção de maior segurança identitária.

Depois do entendimento que a bissexualidade não era um problema, que eu não poderia me sentir envergonhado, por conta de ser quem eu sou, por conta de eu senti atração por quem eu sinto, diversas áreas se abriram, pude entender a comunidade em que eu estava inserido, pude entender as relações. (P 1)

Falei: “Calma aí, eu tenho que pensar se de fato eu nasci assim ou em algum momento da vida escolhi ser assim”. Então me fez questionar se de fato eu gostava de me relacionar com homens ou não. Hoje eu sou mais seguro com a minha sexualidade, entendo que eu nasci assim, é isso que eu quero. (P 11)

Em continuidade aos processos de reconhecimento e construção identitária, as narrativas evidenciam que os jovens têm dificuldades na expressão de emoções, sentimentos e vulnerabilidades, com menção a estratégias de gestão emocional baseadas em isolamento e repressão afetiva, incluindo dificuldades para lidar com ciúmes, choro e comunicação emocional nas relações interpessoais.

Quando eu tinha problemas, me fechava, isso deixava ela [namorada] mal. Isso já acarretou brigas e até discussões, porque a forma como eu lido com sentimentos é me isolando. (P 3)

Eu não consigo lidar com ciúmes porque, esse negócio de sentimento é um pouco complicado. Às vezes eu sou uma pessoa muito fria, reprimo muitas vezes minhas emoções, chorar eu não consigo. Desde novo eu sou uma pessoa muito fechada. (P 13)

De modo articulado a essas dificuldades, observa-se que a percepção de si como homem por alguns acadêmicos esteve vinculada a estratégias de imposição, controle e autoritarismo, além da valorização de

atributos corporais e simbólicos, como branquitude e status acadêmico, mobilizados como recursos para obtenção de respeito, reconhecimento social e aceitação nas relações afetivas.

Eu sou um homem gay, tenho um jeito um pouco bruto. Pra ter respeito eu entendi que eu tinha que gritar, que mandar, ser autoritário, porque isso pra mim é ser homem, é estar no controle, é ter poder. (P 11)

Por eu ter um aspecto assim branco, com aparência meio playbozinho, acaba sendo um aspecto que para muitas mulheres seria o ideal. Eu acho que o curso interfere muito na aceitação das mulheres. (P 9)

As narrativas também indicaram a valorização de comportamentos masculinos associados à provisão, cuidado e proteção, vinculados à expectativa de oferta de segurança emocional e financeira nas relações afetivas.

Eu creio que seja interessante o cara prover mais entendeu?! Levar pra jantar, pagar as contas. Eu acredito que seja interessante e essas outras questões de cavalheirismo. (P 2)

Dentro do relacionamento o homem deve dar segurança pra mulher, no sentido de afetividade. Se for no caso de um casamento também, no requisito financeiro, no sentido de dar uma segurança, uma proteção. (P 14)

De modo complementar, as narrativas também indicaram comportamentos masculinos considerados inadequados, associados a formas de violência física e psicológica, incluindo práticas de controle, autoritarismo e dominação nas relações afetivas. Esses comportamentos foram descritos como incompatíveis com concepções de masculinidade consideradas aceitáveis pelos jovens.

Os homens que agredem as esposas é algo que me dá raiva, é algo que revolta. Uma pessoa que tem esse tipo de atitude, eu já nem julgo tanto como ser um homem. (P 4)

Um relacionamento em que o homem queira comandar, mandar na mulher, controlar os sentimentos, as vestimentas da mulher, os horários. Então o patriarcal seria o comando do homem, como o centro da relação, mas da maneira que não é saudável, que eu considero. (P 10)

Nesse processo, houve questionamentos sobre referências de masculinidades, sobretudo entre jovens homossexuais e bissexuais, com críticas a modelos tradicionais e menção à ausência de referências consideradas seguras ou desejáveis.

Eu não tenho um modelo de masculinidade, do que é ser homem, que eu olhe e que seja real, que eu me espelhe. Eu sinto que tenho a necessidade de criar um modelo novo de masculinidade, mas que nem eu conheço porque não me foi apresentado, me causa muito medo. (P 7)

Esse padrão de homem heterotop, não é isso que eu enxergo como masculinidade não. É uma masculinidade completamente frágil, onde se tem essa repulsa pela cor rosa, principalmente na questão política de que "o homem de direita que é o defensor da família, do agro. (P 15)

DISCUSSÃO

O início das experiências afetivo-sexuais de jovens universitários revela uma trajetória heterogênea, marcada por vulnerabilidades como idade precoce, ausência de vínculo afetivo e conhecimento limitado sobre práticas seguras. Essas condições, evidenciadas nas narrativas de iniciação precoce, assimetrias etárias e medo de exposição, refletem como a curiosidade e a associação da sexualidade à virilidade moldaram a significação dessas experiências, reforçando a necessidade de abordagens educativas e preventivas.

Esse cenário de vulnerabilidade se aproxima da literatura, a qual indica que a iniciação sexual masculina brasileira ocorre, em média, aos 13 anos, permeada por transformações corporais e pressões normativas, gerando conflitos subjetivos e fragilidades afetivas ⁽²⁰⁾. Em convergência, um estudo evidenciou que a iniciou sexual esteve entre os 12-16 anos, podendo ser associado a influências socioculturais, que estimula a precocidade. Apesar de não existir um consenso sobre a idade ideal, leva-se em consideração a vulnerabilidade para comportamentos de risco ⁽⁷⁾.

No caso de jovens homossexuais e bissexuais, essas experiências também foram precoces, mas atravessadas por silenciamento e medo de exposição, refletindo vigilância familiar e adiamento de vivências homoafetivas. Essa situação evidencia a persistência de estruturas cisheteronormativas, que dificultam o reconhecimento de si e a expressão da sexualidade, e aumenta a pressão para desempenho sexual associado à masculinidade hegemônica ^(6,20).

A partir dessas experiências iniciais, percebe-se que as relações casuais ganham relevância nas trajetórias afetivo-sexuais dos jovens universitários. Estudos evidenciam esses comportamentos aos riscos associados a múltiplas parcerias e maior experiência sexual ^(7,22), articulando ausência de vínculos afetivos, autonomia, prazer e flexibilidade dos vínculos. Esses achados dialogam com transformações contemporâneas na intimidade, marcadas por práticas não institucionalizadas e negociação de expectativas entre parceiros ⁽²²⁾.

Dentro desse contexto, o uso de aplicativos de relacionamento por acadêmicos, como *Tinder* e *Grindr*, emerge nas narrativas como facilitadores dessas interações afetivas-íntimas, oferecendo espaços de socialização e experimentação sexual. Essas práticas podem ampliar comportamentos impulsivos e práticas de risco, tanto para heteros quanto para LGBTs, como múltiplos parceiros, baixa adesão ao uso de preservativos e consumo de substâncias, aumentando vulnerabilidades físicas e emocionais ⁽²³⁻²⁴⁾.

Apesar da ampliação das práticas não monogâmicas no Brasil, a monogamia ainda permanece como modelo dominante entre os jovens universitários, associada a exclusividade e fidelidade. Os achados indicam que os jovens ainda priorizam relações monogâmicas, mesmo em meio a experiências casuais, reforçando a influência de normas sociais e culturais na regulação dos comportamentos íntimos ⁽⁹⁾. Essas transformações coexistem com valores tradicionais, sugerindo que os jovens transitam entre referenciais normativos herdados e novas formas de viver os vínculos afetivo-sexuais ⁽²²⁾.

No entanto, mesmo em experiências descritas como saudáveis, a violência em relações casuais se manifesta por meio de assimetrias de poder, controle e objetificação do corpo, sendo a violência psicológica mais recorrente e a coerção sexual frequentemente naturalizadas ^(9,25). O conceito de Violência nas Relações

de Intimidade (VRI) ou Violência por Parceiro Íntimo (VPI) amplia essa compreensão ao abranger práticas ou ameaças de violência em relações íntimas, independentemente da orientação sexual ⁽²⁵⁻²⁷⁾.

A fluidez dos vínculos afetivo-sexuais contemporâneos, frequentemente marcados pela ausência de continuidade e compromisso, pode favorecer a ocorrência de diferentes formas de violência nos relacionamentos ⁽²⁶⁾. Apesar do reconhecimento de algumas práticas como situações violentas, observa-se que outras vivências de violência são naturalizadas, essa condição se articula principalmente à dificuldade em reconhecer práticas abusivas, que atravessam diversas modalidades relacionais e muitas vezes se manifestam de forma sutil ^(9,25,27).

Apesar de não ser evidenciado nas narrativas sobre as consequências diretas dessas situações de violência nas relações, estudos apontam que tais manifestações transcendem o que é meramente visível ou tangível. A complexidade desse fenômeno reside na sua expressão em dimensões físicas, psicológicas, sociais e acadêmicas, o que dificulta a interpretação dos envolvidos sobre a vivência e a perpetração das situações de violência nas relações íntimas de jovens universitários ⁽⁸⁾.

Além das dimensões relacionais que envolve desde as interações das primeiras relações as vivências das relações no âmbito acadêmico, os resultados evidenciam processos subjetivos na construção das masculinidades, marcados por diferentes referenciais que influenciam expectativas, práticas e significados atribuídos às relações íntimas.

Nas experiências de jovens homossexuais e bissexuais, esse percurso envolve o reconhecimento de si, questionamentos sobre orientação sexual, processos de autoaceitação, evidenciando a influência das normas de gênero na legitimidade atribuída às identidades não heterossexuais. Nesse contexto, o debate sobre gênero e sexualidade aparece como relevante entre universitários, considerando que essa fase é marcada por processos de construção da subjetividade, da sexualidade e do posicionamento social ⁽²⁸⁾.

Assim, tais processos identitários também se manifestam na gestão emocional masculina, marcada por autocontrole emocional e repressão afetiva, o que futuramente pode impactar não apenas as relações íntimas e a resolução de conflitos, mas a saúde mental. Em consonância, um estudo com universitários africanos evidencia que homens são socializados a não expressar tristeza ou vulnerabilidade e a evitar buscar ajuda, por receio de serem percebidos como fracos ⁽²⁹⁾.

Em diferentes situações, esses achados indicam que normas de gênero rígidas produzem silenciamento emocional, dificultando a comunicação e a construção de vínculos afetivos. Estudos internacionais sugerem que essa restrição expressiva pode intensificar o sofrimento psíquico, manifestando-se por formas não tradicionais de depressão, como raiva, isolamento, uso de substâncias, sentimentos de fracasso e vergonha, dificultando o reconhecimento e a identificação clínica do sofrimento masculino ⁽³⁰⁾.

Os jovens P 11 e P 9, associaram comportamentos masculinos a poder, autoridade e reconhecimento social, alinhando-se a atributos vinculados ao modelo hegemônico, como força, controle, competitividade e heterossexualidade normativa ⁽⁵⁾. Esses elementos refletem a persistência de valores tradicionais, ainda

amplamente reproduzidos na sociedade brasileira, mesmo entre jovens com maior escolarização e acesso a discursos críticos sobre gênero ⁽¹⁰⁾. Fenômenos contemporâneos, como o movimento “*red pill*”, evidenciam a reatualização desses ideais em espaços digitais, reforçando estereótipos de virilidade, honra e dominação ⁽¹¹⁾.

Por outro lado, alguns participantes ressignificaram atributos tradicionalmente associados à masculinidade hegemônica, como provisão e responsabilidade, atribuindo-lhes sentidos afetivos e relacionais. Embora esses comportamentos remetam ao ideal do homem provedor e protetor, os jovens expressaram rejeição às práticas de violência e controle sobre as mulheres, evidenciando tensões entre permanências normativas e tentativas de construção de masculinidades mais equitativas ⁽¹⁰⁾.

Nesse processo, observa-se uma tensão entre a reprodução de padrões tradicionais e a busca por formas de masculinidade alinhadas às experiências e trajetórias pessoais. Essa ambivalência indica tentativas de ruptura simbólica e a construção de masculinidades críticas, capazes de questionar hierarquias de gênero e promover reconfigurações subjetivas da identidade masculina.

Mesmo diante da pluralização das masculinidades, a hegemonia de estereótipos tradicionais ainda gera insegurança e conflitos identitários entre jovens que não se enquadram no modelo dominante ⁽¹⁰⁾. Nesse sentido, os relatos evidenciam tanto a internalização de normas hegemônicas quanto tentativas de ruptura simbólica, mostrando que a construção das masculinidades é um processo dinâmico, atravessado por pressões sociais, expectativas normativas e experiências subjetivas ⁽¹²⁾.

Os resultados mostram que os roteiros interpessoais e intrapsíquicos se articulam na construção das masculinidades, revelando tensões entre normas hegemônicas, experiências relacionais e buscas por formas de masculinidade mais alinhadas às trajetórias individuais. A amostra, limitada a cursos da área da saúde e a uma instituição pública, e a ausência de narrativas sobre raça, paternidade, deficiência ou identidades trans, restringem a generalização e a compreensão de masculinidades em contextos mais plurais.

Nesse contexto, a Enfermagem assume papel estratégico na promoção da saúde integral de jovens universitários, articulando atenção, educação em saúde e políticas de prevenção, especialmente na saúde sexual e reprodutiva. As intervenções podem incluir promoção de reflexões críticas sobre masculinidades, incentivo à expressão emocional, mediação de espaços de acolhimento e prevenção da violência interpessoal, fortalecendo a promoção de masculinidades saudáveis, equitativas e a redução de desigualdades no campo da saúde.

CONCLUSÃO

A análise das expressões de masculinidade nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos mostrou como jovens universitários constroem sentidos sobre afetividade, sexualidade e intimidade, evidenciando a articulação entre normas de gênero e processos subjetivos de elaboração de si. Essas construções não são

homogêneas nem lineares, atravessadas por tensões entre modelos hegemônicos, experiências relacionais e reflexões críticas sobre o que significa “ser homem” nos vínculos afetivo-sexuais.

No plano interpessoal, normas relacionais e modelos tradicionais de masculinidade continuam a orientar práticas e expectativas, influenciando escolhas entre relações estáveis e casuais e a naturalização de vulnerabilidades e violência. Ao mesmo tempo, os relacionamentos podem funcionar como espaços de negociação e ressignificação, nos quais diálogo, cuidado e reconhecimento mútuo tensionam padrões rígidos de gênero.

No âmbito intrapsíquico, os jovens reelaboram referências sociais em narrativas subjetivas que orientam autoimagem, gestão emocional e expectativas relacionais. As masculinidades são internalizadas de forma ambígua, associando poder, provisão e controle a críticas e questionamentos, especialmente entre jovens homossexuais e bissexuais, em contextos marcados por heteronormatividade e ausência de modelos legitimados.

De forma geral, os roteiros interpessoais e intrapsíquicos atuam de maneira articulada na produção, reprodução e ressignificação das masculinidades, evidenciando a complexidade da subjetivação masculina na juventude universitária. O estudo reforça a importância de estratégias educativas e espaços reflexivos na Enfermagem para promover relações mais conscientes, seguras e equitativas.

REFERÊNCIAS

1. Capulo S, Maldonado L, Silva Junior GM. Juventudes, a universidade é para todos? A importância do engagement estudantil no ensino superior, aspectos da realidade para a não evasão. *Observatório de la Economía Latinoamericana*. 2024;22(7):e5761. doi: <https://doi.org/10.55905/oelv22n7-134>
2. Bonai D, Severo RCBS. Juventudes e masculinidades gays: revisitando alguns estudos. *Rev Diversidade Educ*. 2025;12(2):317–43. doi: <https://doi.org/10.14295/de.v12i2.17974>
3. Butler J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
4. Fagundes TCPC. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. *Rev Bras Sexualidade Humana*. 2023; 34:1–9. doi: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1076>
5. Connell RW. *Masculinidades*. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 2005.
6. Valério A, Castro DP, Florêncio T. Reflexões sobre masculinidades. *Rev Perspectivas*. 2022: 1-6. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/834/402>
7. Peixoto HA, Spindola T, Melo LD, Fonte VR, Barros LM, Arreguy-Sena C. Jovens universitários e a vulnerabilidade masculina às infecções sexualmente transmissíveis. *Enferm Foco*. 2024;15:e-202432. doi: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202432>
8. Guerrero Ramirez AM, Ramirez Chavarría, Y, Rodríguez Bonilla, MC, Rojas, DM. Manifestaciones de la violencia en el noviazgo: una revisión integrativa. *Rev Enferm Actual Costa Rica*. 2022;(42):104-124. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n42/1409-4568-enfermeria-42-104.pdf>
9. Sardinha SSF. Relacionamentos abusivos. *Rev Ciênc Jurídicas Soc Aplicadas*. 2023;6(1):14–35. Disponível em: <https://unignet.com.br/wp-content/uploads/Ciencia-Juridicas-Sociais-Aplicadas-Jan-Jun-2023.pdf#page=15>
10. Santos F, Mota, CP, Silva, JLL, Messias, CM, Mouta, RJO, Pereira, AV. Entre mitos e verdades: representação da masculinidade. *Tempus Actas Saúde Coletiva*. 2024;14(4):216–34. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2723/2524>

11. Cardoso FA, Amorim MA, Sulz JA. “Crise da masculinidade”: retóricas da ofensiva antigênero e o antifeminismo de Estado. *Rev FAEEBA*. 2023;32(72):97–115. doi: <https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.2023.v32.n72.p97-115>
12. Peña-Axt JC, Arias-Lagos L, Sáez-Ardura F. Masculinidades tradicionais en las universidades chilenas: manifestaciones y afirmaciones en contextos académicos. *Multidisciplinary J Gender Stud*. 2022;11(2):172–99. doi: <https://doi.org/10.17583/generos.8569>
13. Gagnon JH, Simon W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.
14. Cordeiro FNCS, Cordeiro HP, Duarte Pinto LOA, Sefer CCI, Santos-Lobato EV, Mendonça LT de, *et al*. Estudos descritivos exploratórios qualitativos: um estudo bibliométrico. *Brazilian Journal of Health Review*. 2023;6(3):11670-11681. doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n3-259>
15. Minayo, MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Cien Saúde Colet*. 2011;17(3). Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/analise-qualitativa-teoria-passos-e-fidedignidade/8357?id=8357>
16. Bertaux D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus; 2010.
17. Bockorni, BRS.; Gomes AF. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*. 2021;22(1):105-17. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111>
18. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. [citado em 2026 FEV 05]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
19. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. [citado em 2026 FEV 05]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>
20. Araújo WJS, Bragagnollo GR, Galvão DLS, Brandão Neto W, Camargo RAA, Monteiro EMLM. Male adolescents' early sexual initiation. *Texto Contexto Enferm*. 2023;32:e20220285. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0285en>
21. Melo LD de, Spindola T, Arreguy-Sena C, Krempser P, Brandão J de L, Costa CMA, *et al*. Sexual behavior according to undergraduate students. *Rev Bras Enferm*. 2023;76(6):e20220786. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0786>
22. Risk EN, Piran M, Abadio de Oliveira W, Antônio dos Santos M. Relações afetivo-sexuais: Concepções e Representações de Jovens Universitários de Classes Médias. *Psico*. 2023;54(1):e39108. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39108>
23. Tavares MKB, Melo RLP de, Evangelista DR, Silva JBNF. Educação sexual e vulnerabilidade de usuários de aplicativos, comparações a partir da orientação sexual. *Acta paul enferm*. 2022;35:eAPE01397. doi: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO01397>
24. Brasil MHF, Queiroz VC de, Dantas ARA, Santos J da S, Silva BE da, Ferreira GRON, *et al*. Uso de aplicativos de relacionamento entre universitários: estudo de método misto. *Rev. enferm. UERJ*. 2025;33(1):e85803. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/85803>
25. Matta TF, Taquette SR, Rodrigues NCP. Percepção de jovens LGBT sobre violência. *Rev Bras Est Homocultura*. 2022;5(17):201–23. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/14347/11743>
26. Souza GKO de, Carvalho RC de, Souza S de L, Lima J dos S, Almeida VRS de, Nery G da S. Violência nas relações de intimidade entre jovens universitários: reflexões teóricas à luz da análise bioecológica. *Ciênc saúde coletiva*. 2025;30:e05642024. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320242911.05642024>
27. Melo RA, Almeida TKP, Fernandes FECV. Violência no namoro. *Rev Ibero-Am Est Educ*. 2022;17(3):1641–58. doi: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i3.15482>
28. Cano MT, Brancaloni APL. Gênero e sexualidade. *Rev Ibero-Am Est Educ*. 2022;17(2):1181–96. doi: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.14662>

29. Sikweyiya Y, Mahlangu P, Jewkes R, Brooke-Summer C, Gibbs A, Dartnall E, *et al.* Help-seeking avoidance among college men. *BMC Public Health*. 2025;25:1091. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-025-22252-y>
30. Noel JK, Morais MA, Nosal AG, Gately KA, Ramsland Short K, Rosenthal SR. Measuring Restrictive Masculinity: Development and Implementation Within University Students. *Social Sciences*. 2025; 14(2):106. doi: <https://doi.org/10.3390/socsci14020106>